

ÍNTegra

“É atraso ser contra a municipalização”

Esta é a íntegra do discurso de Fernando Henrique Cardoso no lançamento do livro *Transporte Humano — Cidades com Qualidade de Vida*:

“Ao receber e agradecer o livro — e, sobretudo, a advertência que me foi feita, vou pular o índice — eu fico, realmente, contente de ver que existe hoje uma compreensão crescente na questão dos transportes públicos quanto, primeiro, à importância do transporte coletivo. Segundo, que a questão de transporte não pode ser discutida descolada do conjunto das questões que têm a ver com o meio-ambiente. Terceiro, que a cidade é o local. Não apenas porque 75% da população brasileira aí vive, senão porque, crescentemente, a cidade assume responsabilidades nas questões de transportes que têm a ver com o fato — e aqui há prefeituras — de que nós estamos assistindo, no mundo moderno, a alguma coisa que — melhor que seja a reflexão para os que gostam de história e eu quando tinha tempo gostava —, de alguma maneira, o que antes era cidade-Estado, em que a cidade é que detinha o poder político.

E a cidade, ao mesmo tempo, tinha comunicação direta com o cidadão. No nosso mundo atual, o mundo que virá — como já foi aqui mencionado também pelo secretário Nazareno Afonso — no próximo século, a cidade vai recuperar esta função que é uma função (...), as características do que foi no passado, obviamente, mas que é uma de ser ela diretamente a

interlocutora no nível político, das questões que afetam a cidadania. A cidadania em cidade tem a mesma origem etimológica.

Então, por todas essas razões, esse encontro, nesta manhã, e essa possibilidade de eu receber soluções para estes problemas, me mostram que estamos no caminho correto. Esse caminho correto implica, como aqui foi dito, em convergências. Não é possível resolver qualquer dos problemas do mundo contemporâneo sem que haja uma convergência entre o nível municipal, o estadual e o federal. Isso é claro, é óbvio, mas convém ser reiterado.

Assim como a cidade ganha proeminência na condução das questões públicas, também é preciso entender que nós, hoje, não podemos manter os vícios do passado, em que as administrações se combatiam. Seja porque — e cada um desses níveis, normalmente, de uma democracia convivem em partidos diferentes — pode haver coincidência mas, normalmente, não se deve prever essa coincidência. E isso não pode servir de desculpa para não haver entrosamento, seja porque, crescentemente, a cidadania cobra das burocracias, quando as burocracias se transformam em um escudo para proteger privilégios próprios ou de grupos privados.

E, portanto, as burocracias dos vários níveis também têm de se entender mostrando que deve prevalecer o espírito público, e não é o espírito de que a pequena ação pública quer a defesa de pequenos privilégios, quem decide isso,

quem decide aquilo. Nós temos de criar fóruns, temos de criar meios de participação, daí o orçamento participativo ter essa importância tão grande. Temos de criar, realmente, estamos criando modificações muito grandes nessa matéria. Isso que ocorre na questão dos transportes está ocorrendo em todos os níveis da administração.

Inúmeras vezes eu repeti aqui, em solenidades nesse mesmo Palácio, o que está ocorrendo com a saúde na questão do SUS, que nós estamos, realmente, ampliando a, digamos, a distribuição de poder e de responsabilidades e também de financiamentos nos vários níveis de governo. Isso está ocorrendo na educação, onde inclusive ações mais diretas em nível das escolas, saltando as hierarquias da estrutura do Estado, estão dinamizando a ação, enfim, está ocorrendo, precisará ocorrer, na reforma agrária, se se quiser efetivamente fazer (...) com bandeira. E agora (...) entregar no governo federal. Não pode ser matéria do governo federal. Não pode. Tem de ser também dos governos estaduais e municipais.

É um atraso ser contra a municipalização. É um atraso e me (...) ver pessoas que pensam que são progressistas querendo que tudo seja resolvido pelo presidente da República, pelo governo federal. Isso é autoritarismo, não é progressismo. Em todos os níveis, portanto, nós estamos assistindo a uma mudança, a uma modificação na concepção, mesmo, da gestão da coisa pública. Mais ainda, e aqui foi dito, boa parte das medi-

das atinentes aos transportes depende da cooperação do Legislativo. Muitas das medidas já foram propostas e, também, não precisa esperar que seja o governo federal, o presidente da República que extraia a força do Congresso as decisões. Cabe ao Congresso tomar essas decisões.

O Código de Trânsito o Senado já aprovou. Foi uma luta. Está na Câmara. A Câmara aprova. Quer dizer, então que se faça um processo, e nos vários níveis, e que cada um dos seus (...) assumam a responsabilidade própria. Sem a cooperação do Congresso essas leis não vão avançar.

Então nós precisamos da cooperação, também, muito ativa do Congresso Nacional para que, efetivamente se possa levar adiante esse conjunto de transformações. Ao dizer isso eu não estou me furtando da responsabilidade que é própria do governo federal e que foi referida aqui. O governo federal não pode se ausentar da discussão, pelo fato de que, efetivamente, o transporte, sobretudo o urbano, coletivo, é um transporte que vai ser decidido no âmbito municipal. Mas nós sabemos, também, que não é possível sem que haja uma coordenação de política, do fórum, daí a necessidade do ministro dos Transportes, como ele reafirmou, estar ativo e numa série de programas que dizem respeito à melhoria da condição concreta de transporte da população, de segurança da população no transporte. Portanto, uma parte da responsabilidade é, realmente, do governo federal. E há uma outra, talvez a

mais agradável quando se resolve a mais penosa, quando se desembolsa, que é o financiamento.

Os metrô das grandes cidades, que são fundamentais para que possa haver mais força no transporte coletivo, são financiados pelo governo federal. E o governo federal está tentando retomar, quando eu cheguei aqui, à Presidência da República, todas as obras do metrô, que estavam paradas. Todas. Hoje, a de Brasília, foi retomada graças ao governo federal, graças ao BNDES que fez o aporte necessário para que funcione. Lá em Pernambuco, em Recife, a maior obra já havida em Recife pela área federal foi retomada agora, que é o metrô de Recife, que tem uma extensão imensa. E, provavelmente, nem todos os brasileiros sabem: o metrô de São Paulo foi retomado, o metrô de Belo Horizonte foi retomado, o metrô do Rio de Janeiro foi retomado. E é bom que o País saiba que nós temos um programa, que esse programa tem como eixo a questão da facilitação do transporte coletivo. Evidentemente, não nos cabem as decisões específicas.

O prefeito de Santos vai resolver como é que resolve transformar Santos em uma cidade onde os canais vão ser usados para transporte. Mas, enfim, em cada área específica cada prefeito vai ter de tomar as suas decisões mas, no impulso da grande transformação que essas megalópoles nos obrigam, é claro que é preciso que haja uma cooperação responsável do governo federal.

Enfim, eu acho que a lição que

eu ouvi será bem aprendida. Eu, quando estudava, era bom aluno. Espero que, como presidente, continue a poder aprender com certa rapidez os conselhos que me dão. Agradeço a presença de todos, muito especialmente o governador em exercício de Santa Catarina, a quem não mencionei no início da minha exposição. E quero lhes dizer que trabalhos dessa natureza são muito importantes para retermos a condição de vida nas nossas cidades para que elas sejam mais humanas. E uma das questões que mais, realmente, atormentam o cotidiano do brasileiro, da brasileira, do trabalhador, do empregado é transporte.

Na cidade de São Paulo, que é a cidade onde eu resido, a questão do transporte é dramática do ponto de vista do tempo que se leva em deslocamento. Antigamente era a questão das classes populares. Eu mesmo tenho estudo sobre isso. O gasto do tempo no transporte. Hoje, congestionou de maneira com o abuso do transporte individual que atingiu a todos, popular ou não popular, o deslocamento é muito difícil. Mesmo para aqueles que têm motocicleta na frente — e eu não gosto de tê-las. É muito difícil o transporte nessas grandes cidades.

E eu creio que isso tem a ver com o cotidiano do nosso povo. Portanto, eu acredito que esses esforços que estão sendo feitos aqui, e essa combinação com essas experiências positivas, são um incentivo a mais para que nós continuemos a trabalhar. E, repito, trabalhar juntos pelo bem do Brasil.”